

**Domingos Amaral**  
Quando Lisboa Tremeu



Parte I

TERRA



Condenada a morrer na fogueira no domingo, irmã Margarida decidiu enforcar-se no sábado de manhã. Não suportava nem mais uma hora aquele pavor dos fogos da Inquisição; a visão das chamas a queimarem-lhe os pés, as pernas, o corpo; o fantasma que lhe dilacerava a mente, encharcando-a de medo, gelando-lhe o coração.

Certa noite, enquanto Lisboa ardia à nossa volta, contou-me o que se passara na sua cela, no dia em que a terra tremeu. Fora condenada há quatro meses, os mais longos e penosos da sua vida, em que permanecera fechada naquela pavorosa e minúscula cela do Palácio da Inquisição, perto do Rossio, mas tão longe da alegria da praça lisboeta. À pequena janela da sua prisão chegavam os barulhos do vibrante espaço, cheio de animação e comércio. A vida a correr e ela com data para morrer imolada.

Segundo me disse, primeiro acreditara num erro absurdo. Aquela condenação à morte não fazia sentido, os motivos eram irrisórios e fúteis, ela era inocente – jurou-me – e nunca lhe passara pela cabeça que as suas tropelias pudessem ser consideradas uma afronta mortal a um Deus que, apesar de tudo, amava. Semanas depois, esperou um milagre, uma mudança súbita processual, um perdão real, qualquer coisa que lhe mudasse o destino mórbido. Mas os dias e as noites foram pesando na sua alma, e começou a ceder. Era uma jovem, com apenas

vinte e um anos, e posso confirmar que adorava a vida. Mas, quando percebeu que ia mesmo ser queimada viva, o seu espírito escureceu. Para mais, as torturas a que fora submetida, degradantes e dolorosas, haviam minado a sua determinação e a sua força de espírito.

Estávamos deitados lado a lado quando me revelou que o terror das chamas lhe nascera na infância. O pai e a mãe levaram-na ao Terreiro do Paço, num domingo, e ela fora feliz, encantada com o passeio, sorrindo às outras crianças ao cruzar-se com elas nas ruas de Lisboa, intrigada com as *chaises* onde os nobres de vestes coloridas se faziam transportar, saltitando, divertida, num chão repleto de sujidades e dejetos, observando as correrias e o latir dos cães rezingões, escutando os pregões de comerciantes ativos e insistentes e apreciando os escravos e as escravas negras, que bamboleavam os seus corpos num ritmo que a fazia rir, mas parecia alarmar a mãe e entusiasmar o pai.

Porém, ao chegarem à praça que era o coração daquele reino, onde ainda reinava D. João V (o rei que me abandonou aos árabes e por isso me perdi), a rapariga vira o estrado, os toros de lenha, os carrascos a cirandarem, e sentira-se invadir por um mal-estar profundo.

– Pai, quero ir embora – pedira, inquieta.

O pai e a mãe estavam, no entanto, contagiados pela excitação geral que se espalhara entre a multidão presente. Alguém ia morrer no Terreiro do Paço, numa fogueira, e a população queria assistir ao espetáculo. Ouviam-se comentários entendidos: o tempo que ia demorar, se os condenados iam ou não gritar, como ardia um corpo de homem ou de mulher.

E, depois, cheirara aquele odor horrível da carne humana tostada, ouvira os gritos lancinantes e vira as labaredas a subirem, forçada a assistir àquele solitário inferno terrestre que, no entanto, era capaz de entreter tanta gente. Pasmara-a ver gente que sorria para afastar o medo, gente que cuspiu para se ver livre da repugnância que morava no fundo da garganta, gente que, não sabendo nada sobre

o que o infeliz fizera, considerava que se ele morria queimado era porque certamente o merecia!

Agora, a memória dessa tarde dominical regressara para a atormentar. Finalmente convencida do seu destino terminal, irmã Margarida voltara a sentir a mesma angústia, e isso dava cabo dela. O seu cérebro baralhou-se e aproximou-se da loucura. Na sua adolescência sempre vira fantasmas, mas nenhum como este: um homem vestido de negro, junto à porta, uma sombra escura, imaterial, que quase lhe tocava. Naufragou na sua pequena cela, que lhe parecia mais escura do que no princípio do cativeiro, como se as paredes estivessem já chamuscadas, cheias de fuligem; e também empestada do mesmo cheiro que sentira em criança no Terreiro do Paço, um odor a grelhados, agora misturado com o sabor da enjoativa sopa que lhe serviam numa malga, e das necessidades que fazia num balde.

Foi, pois, nesse estado de desistência e prostração que lhe nasceu no espírito a ideia de precipitar o seu fim. Se conseguisse morrer antes do dia em que seria assassinada na fogueira, fugiria àquele castigo tenebroso com um ato de vontade, libertando-se da morte calendarizada com a morte antecipada.

Tive pena dela. A pena é um sentimento bonito de ter por quem sofreu, mas não deve ser revelada, pois é quase sempre sentida como um insulto pela pessoa que a provoca em nós. Por isso, fiquei silencioso quando a ouvi. Sabia o que era esse desejo de morte, sentira-o muitas vezes enquanto estive preso pelos árabes. É profundamente destrutivo e perturbador, mas ao mesmo tempo muito humano. É querer acabar mais depressa só porque não se vê o futuro. Hoje, apesar de estar de novo preso, não sinto o mesmo. Consigo imaginar um futuro só porque me lembro dela, de quanto a amei e ainda amo. Quando estive preso a primeira vez, pelos árabes, há muitos anos, pensei também, várias vezes, em matar-me.

O intermitente amor que tinha por outra mulher nem sempre me chegava para afastar essas ideias. Quando estamos condenados à morte, é muito fácil pensar no suicídio, é muito fácil enlouquecer. Sei disso porque já me senti louco. É um sofrimento terrível e poucos são os que regressam dessa terra distante.

Então, abracei-a com força, emocionado. Ela sorriu-me, sem saber as razões do meu arrebatamento, pois não as revelei, e deu-me um curto mas mesmo assim saboroso beijo na boca, antes de prosseguir o seu relato.

Irmã Margarida era prática e sabia que matar-se não iria ser fácil. A cela era acanhada: quatro paredes de pedra, uma janelinha lá no alto, com grades impossíveis de mover, uma esteira de palha no chão, onde ela dormia, um balde de madeira para as urinas e as fezes. Nada com que pudesse cortar os pulsos; nada com que pudesse envenenar-se. Chegou a uma conclusão: enforcar-se era a única possibilidade. Reparara que, no teto, existiam umas vigas e era possível passar uma corda numa delas. Portanto, era disso que precisava e foi à procura.

No pátio da prisão, pela manhã, podia conviver com os outros reclusos. Eram cerca de trinta, mais mulheres do que homens. Condenados por diversos crimes religiosos, esperavam sem revolta o dia da sua execução. Morriam ao ritmo de quatro por mês, e no mês seguinte chegavam mais quatro para os substituir. Ninguém ficava muito tempo naquele estabelecimento.

Indicaram-lhe um brasileiro. No pátio, tinha fama de prestável e, sem ninguém saber como ou porquê, fazia aparecer rapé, bebidas alcoólicas ou outros artigos proibidos pelas regras internas da cadeia. Encontrou-o sentado, encostado à parede, ao sol. Chamavam-lhe «profetista» pois passava os dias a prometer a vinda de Jesus, que seria precedida pelo fim do mundo tal como o conhecíamos. Falava com sotaque e dizia ter tido um encontro com os anjos, e com os doze apóstolos, nas



profundezas de Mato Grosso. Para anunciar a sua boa nova, lançara-se para Portugal de barco, causando em Lisboa algumas perturbações, que o levaram a ser detido. Infelizmente para ele, o tribunal religioso não se comovera com as suas argumentações.

Irmã Margarida aproximou-se:

– Preciso de uma corda e dizem que ma podes arranjar.

Era um homem envelhecido prematuramente pelo sol brasileiro, com a pele enrugada, gretada e flácida, parecida com a da garganta das galinhas, e os cabelos desgrenhados e amarelados. Nos olhos, exibia raios de sangue, e nas pálpebras moravam manchas encarnadas, como se não dormisse há dias, ou chorasse muito.

– Cê precisa dji quê? – perguntou o «profetista», espantado.

– Uma corda – murmurou irmã Margarida. – Uma corda forte.

Arregalou os olhos avermelhados. Sendo impossível a fuga, ali uma corda só tinha uma utilização possível. Observando o céu azul, perguntou:

– Dizem que cê teve encontro com o Djiabo, é vérdade?

A rapariga ignorou a questão.

– Tenho um fio. De ouro. Dou-to em troca de uma corda.

Trazia-o ao pescoço, herdara-o da mãe e conseguira escondê-lo ao entrar na cadeia. O fio podia ajudar à sua salvação. Não porque fosse possível usá-lo para se enforcar, mas sim porque era possível negociá-lo. Mostrou-o ao «profetista».

– Sei não – resmungou o «brasileiro». – É pêrigoso.

Três manhãs passaram até confessar a sua incapacidade:

– Não vai dá, tá perigoso, não vai dá.

Dececionada, irmã Margarida afastou-se dele. Uns dias depois, chegou à conclusão de que a sua derradeira hipótese era o carcereiro. Uma vez de manhã e outra à noite, vinha deixar-lhe a comida à cela. Mas o risco era muito maior. O carcereiro podia denunciá-la, roubar-lhe o fio,

prometer-lhe uma corda e não a trazer. O «profetista» não tinha poder sobre ela, mas o carcereiro tinha.

Decidiu tentar seduzi-lo. Notara os olhares que lhe deitava, e aprendera o suficiente dessas artes no convento. Sabia que os seus seios redondos e volumosos eram motivo de inveja de muitas noviças e mesmo das madres, e sentia que os homens a desejavam. Animou-se com a ideia, e uma manhã, quando ouviu o carcereiro a rodar as chaves nas portas das celas, cuspiu nas mãos e lavou com elas a cara. Sentiu-se ligeiramente mais bonita e deixou cair o pano que a cobria, revelando os ombros e o nascer dos peitos.

Recebeu o carcereiro de pé, com uma mão pousada sobre um seio, como se estivesse a tocar-se. O homem estacou, fascinado. Era um ser gordo, cheirava a aguardente, e na barba escura que lhe cobria as bochechas notavam-se, a qualquer hora, gotículas de sopa. Irmã Margarida engoliu a repugnância, forçou o sorriso e disse:

– Podias satisfazer o desejo de uma condenada.

Ele engoliu em seco, aturdido, e continuou calado, a olhar para a terra prometida que era o peito dela.

– Não queres entrar? – sussurrou irmã Margarida. – Fecha a porta.

O labrego encostou a porta, a voz num murmúrio:

– Vais desatar a gritar? Houve uma que o fez...

Desconfiado, queria uma garantia de silêncio, e ela prometeu não o denunciar. Ele permaneceu sério, mas já a ganhar alento. Depois, fechou a porta à chave. Voltou a mirar os peitos dela e levou as mãos ao baixo-ventre, mexendo no seu órgão sexual, como se o arrumasse, criando espaço para ele crescer debaixo das calças.

– Tava a ver qu'eras das que morrem sem se despedir do qu' é bom... – Deu dois passos em frente e perguntou: – Cumo é? No chão ou à cão?

Irmã Margarida foi embalando o desejo dele com mimos e festas. Segundo me disse, nunca se entregou totalmente. Tentava apenas obter a confiança dele, mas

sem perder de vista o seu objetivo. Quando o sentiu próximo da ebulição, disse-lhe:

– Se fizeres o que te vou pedir, podes possuir-me até ao fim.

Excitado, o carcereiro exclamou, levantando-lhe mais a saia:

– Cos diabos, até qu'enfim! Tava a ver que tinha de me zangar!

De repente, de novo desconfiado, franziu o sobrolho:

– Qu'é que queres?

A rapariga bonita mexeu as ancas, apertando as pernas dele junto às dela.

– Uma corda.

O pacóvio ficou imediatamente tenso, mas não se afastou:

– Tás maluca? Pra qu'é que queres uma corda? Vais fugir?

Ela sorriu, condescendente:

– Sabes bem que é impossível fugir daqui.

Desenlaçou-se dele, afastou-se um pouco, cruzou os braços em frente ao peito e fez beicinho, fingindo-se amuada:

– Não interessa para quê. Ou ma trazes, ou acabaram-se os mimos e os beijos!

O barrigudo, as calças já pelo joelho, irritou-se:

– Tás maluca, ó quê? Qu'ideia é essa? Tava tudo a correr tão bem e agora queres uma corda? Se descobrem que ta dei, matam-me é a mim!

Irmã Margarida demonstrou convicção:

– Isso não vai acontecer. Prometo-te.

O parolo abanou a cabeça, exasperado:

– Bem me disseram qu'eras doida! Pra que queres a corda? És mas é maluca! Andas nas artes do Diabo, por isso é que vais acabar na fogueira!

Simulando-se ofendida, irmã Margarida tapou bruscamente o peito com o pano e disse:

– Ou me trazes uma corda ou nada feito...

O carcereiro cerrou os punhos, cuspiu no chão e exclamou:

– Olha m’esta! Saíste-me cá uma putinha! Pera lá que já te digo, se vais ou não levar aqui co peru!

Em passinhos curtos, pois tinha as calças a meio das pernas, avançou na direção dela com as papudas mãos abertas. Mas a rapariga bonita desatou aos gritos:

– Socorro! Socorro!

Ouviram-se vozes no corredor e um guarda perguntou o que se passava. O carcereiro recuou de imediato, furibundo, mas já receoso. Puxou as calças para cima e cuspiu de novo para o chão:

– Bruxa estúpida, cadela do Diabo! Inda bem que vais prà fogueira!

Ajeitou o cinto e, sem sequer olhar para ela, deu meia volta e saiu, fechando a porta da cela à chave. Irmã Margarida suspirou, desanimada. Perdera o jogo. Não fora suficientemente hábil para ludibriar o carcereiro, e agora só faltavam três dias para a sua execução.

Será que me contou a verdade, que só houve beijos e carícias com o carcereiro? É pouco provável. Quando estão com os homens do seu presente, as mulheres mentem muito sobre o seu passado. Além disso, era compreensível que, naquelas circunstâncias, usar o corpo fosse uma saída. Sei do que falo, sei o que vivi nas prisões árabes. Contudo, o que recordo melhor é o meu tremendo incómodo. A ideia de alguém ter tocado nela uns dias antes de mim despertava-me uma irracional raiva. Seria ciúme? Era certamente, e hoje acredito que foi nesse momento que nasceram os meus fortes sentimentos por ela, a minha paixão. Foi uma sensação tão violenta que me fez mal. Mas não a revelei e ouvi, caladinho, o que ainda tinha para me contar.

Nessa mesma manhã, irmã Margarida passeou cabisbaixa no pátio, e nem se deu conta de que alguém se aproximou dela, devagar, e lhe tocou no ombro. Virou-se e

viu o «profetista». Parecia ter os olhos ainda mais encarniçados, a pele ainda mais velha e gretada, e afirmou:

– Vamo morrê os dois: memo dia, mema hora. Próximo domingo, Terreiro do Paço.

A rapariga bonita encolheu os ombros. Era irrelevante saber quem seriam os seus companheiros de desgraça.

– Cê inda tem seu fio? – perguntou o «profetista».

– Não o deu ao carcereiro?

O brasileiro disse-o com um sorriso malicioso, mas ela encolheu de novo os ombros. Era-lhe também indiferente a sua nova reputação na cadeia. Então, ele acrescentou:

– Inda tá querendo a corda?

Ela ficou subitamente alerta. O «profetista» transformou o seu sorriso, que de malicioso passou a jovial, e informou-a:

– Amanhã, aqui, a essa hora. A corda pra você, o fio pra mim.

No dia seguinte, num recanto afastado do pátio, trocaram os objetos, e ela levou a corda para a cela, e escondeu-a debaixo da esteira.

Na manhã de sábado, 1 de novembro de 1755, feriado e Dia de Todos os Santos, mal o carcereiro carrancudo lhe deixou a refeição matinal e fechou a porta, irmã Margarida passou a corda pela viga do teto e preparou um laço. Virou o balde de madeira ao contrário, posicionou-o por baixo da forca e deu início à cerimónia da sua própria morte.

Nesse momento, viu de novo o fantasma, o homem de negro, junto à porta. Parecia incentivá-la. Um arrepio de medo percorreu-lhe o corpo, virou-se de costas e não voltou a olhar para lá. Já em cima do balde, passou o laço à volta do pescoço e apertou-o, puxou a corda com força para testar que aguentava o seu peso, rezou uma oração que a mãe lhe ensinara em criança e depois saltou para a frente.

Sentiu um duro apertão na traqueia, e quando o corpo voltou para trás, já embalado, os seus calcanhares

bateram no balde, que caiu, rolando pelo chão. Depois, a tensão da corda apertou o garrote no seu pescoço, a garganta sofreu um esmagamento e entrou em pânico. Agarrou os dedos ao laço e procurou libertar-se, mas não conseguiu. O seu peso puxava-a para baixo, abanava os pés e só encontrava o vazio. O descontrolo apoderou-se dela, asfixiava, incapaz de se libertar. Viu que o fantasma se aproximara, a sua sombra escura estava agora a seu lado. Um estranho torpor invadiu-a, a cela ficou enevoadada, desfocada. Começava a perder a consciência, a ir-se embora deste mundo, como desejava.

De repente, a mão fria do fantasma tocou-lhe no braço, e era uma mão gelada e branca, uma mão morta. Esse instante de puro terror provocou nela uma rebelião inesperada. Contou-me (muito excitada, esbracejando) que aquele contacto a despertara para o erro absurdo que cometia! O seu corpo e o seu espírito, confrontados com o fim físico, e com a própria presença da morte a seu lado, revoltavam-se, e um súbito desespero, eufórico, tomou conta dela. Não porque quisesse morrer, mas porque, afinal, descobria o quanto queria viver!

Esse foi o seu derradeiro pensamento, antes de sentir que o mundo à sua volta desatava a tremer, que as paredes abanavam, que o barulho da chegada da morte era avassalador. Parecia que a terra inteira estalava, num ribombar ensurdecido, como se mil carroças e mil cavalos estivessem a passar por ali ao mesmo tempo. Os seus olhos semicerraram-se, a sombra escura do fantasma desapareceu, e deduziu que morrera e em breve se encontraria com a mãe e com o pai. Mas, pelas frestas das pálpebras, vislumbrou pedras a voar, como projéteis cuspidos em várias direções, o teto a tombar, nuvens de pó a levantarem-se à sua roda, em turbilhão, e sentiu-se a levantar voo, como se fosse uma pena levada pelo vento, e depois a cair, como por um poço abaixo, subitamente solta da corda. Antes de perder a consciência, pareceu-lhe que sobre ela caía também a cela inteira, como se

Deus a quisesse chupar para as entranhas da Terra, na companhia de uma enxurrada de argamassa e calça. Só quando acordou e se libertou dos escombros é que compreendeu: tinha sido salva de morrer enforcada por um tremor de terra.

Ao longo daqueles dias que eu e irmã Margarida passámos juntos, depois do grande terramoto, senti várias vezes ciúme. Mas o mais intenso e perturbador foi-me causado pelo inglês. O capitão Hugh Gold, que se cruzou com os nossos caminhos, um homem que tentámos roubar e que depois nos armou uma cilada. É também por causa dele que eu, um ano depois desses acontecimentos, continuo preso. Mas isso quase não tem importância comparado com a força do ciúme que ele me conseguiu gerar no coração.

A passagem do tempo trouxe-me, porém, alguma calma e lucidez. Sou hoje capaz de lhe descobrir méritos, de reconhecer que era um homem bem-parecido, bonito mesmo, alto e com uns olhos azuis brilhantes e um cabelo solto e anárquico, que o faziam ao mesmo tempo parecer estouvado e meigo. Sou também capaz de aceitar que era um talentoso sedutor de mulheres. Mesmo com Lisboa em ruínas, milhares de mortos nas ruas e um caos desolador à nossa volta, mantinha as suas artes de galanteio, os seus truques experientes em questões de saias. Sabia falar ao coração das mulheres, e eu estava consciente disso desde o primeiro momento. Apesar de ser de certa forma nosso prisioneiro e de várias vezes ter tido vontade de o matar, tal era o meu ciúme, à medida que nos foi contando a sua história, e mesmo sem querer, fui-me afeiçoando a ele.